

***Outono em Visita*, de Josefa de Maltezinho¹**

João de Mancelos
(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Poesia, velhice, Josefa de Maltezinho

Keywords: Poetry, oldness Josefa de Maltezinho

Um título bem escolhido constitui o cartão de visita de uma obra, porque sugere o conteúdo, revela o tom do texto e cativa o leitor. A mais recente coletânea de poemas de Josefa de Maltezinho, pseudónimo de Julieta Aleluia, chama-se *Outono em Visita*. Trata-se de uma expressão desafiante, que suscita diversas questões. Quem visita quem? Será o outono que bate à porta do sujeito poético? Ou, pelo contrário, é este que caminha ao encontro do tempo frio? No título, a palavra “Outono” refere-se à estação? Ou aludirá à fase da vida em que a poeta se aproxima da luz de Saturno?

Uma leitura atenta das composições do livro revela que esse outono é, simultaneamente, a estação do ano e a idade da autora, ambas tingidas por recordações em tons de sépia. Neste contexto, algumas vezes, o sujeito poético *revisita* instantes da sua existência. Outras, sucede o oposto, e são as recordações que *visitam* a autora, dando azo à criação literária.

A melancolia de Maltezinho não é estática, nem se esgota na contemplação. Pelo contrário, a autora arquiteta uma tensa dialética entre o presente e o passado, revelando um ser humano em perpétua *construção*. A epígrafe da obra, extraída do poema “Motivo”, da escritora brasileira Cecília Meireles, vai nessa linha, ao mostrar o mais vivo conflito: “Se desmorono ou se edifício / se permaneço ou se me desfaço, / — não sei, não sei. Não sei se fico ou passo” (Meireles, 2001: 9).

A melancolia que cresce entre os versos de Maltezinho é aquela que o escritor John Keats, um dos expoentes do romantismo, classifica de *criativa*. Este sentimento é percebido como uma capacidade artística, tão preciosa quanto invulgar, que permite ao autor converter as experiências num texto literário. Assim, o que outrora foi sombra ou dor é, através da alquimia da escrita, transmutado na poesia mais iridescente. Tal agrada tanto ao leitor que, afirma Keats, em “Ode à Melancolia”, “A alma dele degustará a tristeza dela” (Keats, 1988: 172-

¹ Mancelos, João de. “*Outono em Visita/Otoño de Visita*, de Josefa de Maltezinho”. *RUAL: Revista de Letras da Universidade de Aveiro* (Depto. de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro), série II, 7 (2018): 173-177. ISSN: 0870-1547.

173, trad. minha).

Este sentimento, associado ao outono, perpassa a generalidade dos poemas que integram a coletânea, mas assume destaque em três textos: “Entardecer”, “O tempo”, e no poema que concede título à obra, “Outono em Visita” (Maltezinho, 2018: 5, 16, 12). Para não subtrair ao leitor o prazer de fruir o livro, cingir-me-ei a uma breve abordagem das referidas composições, salientando dois aspetos: na forma, a musicalidade; no conteúdo, a melancolia.

O poema “Entardecer” transporta o leitor para o momento final de uma jornada em que a noite já se anuncia, podendo ser também entendido, no plano simbólico, como o “outono da vida”. Tal como sucederá noutros textos, a autora começa por criar uma atmosfera propícia à contemplação e à memória:

Gosto daquele momento em que o dia apanha o barco
até ao outro lado do mundo,
quando se põe em bicos dos pés debruado no alpendre
sobre vasos de hortênsias e sardineiras
observando de fugida a dança nupcial das libélulas,
gosto quando se deita com a passarada a amolentar o voo
no musgo tenro dos telhados, na cama de folhas secas,
ou estende a capa cinzenta sobre a lenta procissão
dos homens atafalhados de desprazeres
(Maltezinho, 2018: 5)

Contrariamente à massa pressurosa que regressa a casa, indiferente aos pequenos milagres da vida, o sujeito poético constela-se na paisagem, descrita com pormenores imagéticos (“o dia apanha o barco até ao outro lado do mundo”), verbos sugestivos (“a passarada a *amolentar* o voo”) e adjetivação verbal expressiva (“homens *atafalhados* de desprazeres”). Essa atenção ao real, nas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen, ou capacidade para contemplar as coisas invisíveis, segundo Eugénio de Andrade, é própria dos melhores poetas, em sintonia com o espírito do lugar.

Porém, o regozijo da poeta é tão efémero quanto o momento da jornada, e o dístico final chama-a, cruamente, de regresso à realidade: “e chega a noite por mansas pontes, / perde-se o dia de vista” (Maltezinho, 2018: 5). Tal queda no mundo, após momentos inefáveis de alheamento, é uma constante nos diversos textos desta coletânea.

Outra composição exemplar da melancolia criativa intitula-se “O tempo”. Trata-se de um poema mais breve do que a média dos restantes, transmitindo, como tal, a sensação de uma memória fugaz. Nos primeiros versos, a época das vindimas, em setembro ou em outubro, faz a ponte para o outono, evocando uma cena em que duas pessoas se afadigam na colheita:

Vindimámos a cepa ao pé do poço,

colhemos as maçãs vermelhas do pomar,
 dançámos tanto à chuva sem nos molharmos,
 sem reprimir o “strip-tease” da trepidação dos corpos,
 que deixámos correr um singular desígnio de que
 aquele que elevava o olhar acima dos lancis
 e arqueava o rumor das cordas,
 o som tangível das harpas, era Davi.
 (Maltezinho, 2018: 16)

Nestes versos, ressuma a musicalidade, através do paralelismo estrutural (“Vindimámos”, “colhemos”, dançámos”), das sibilantes (“a cepa ao pé do poço”), e da referência bíblica à harpa de David, o jovem pastor e músico. O recurso ao pretérito imperfeito, um tempo verbal particularmente adequado à evocação, impregna o texto com um tom lendário.

Porém, à semelhança de outras composições da obra, os momentos mais prazerosos cedem, com frequência, lugar à disforia. Tal ocorre nos derradeiros versos dos poemas, criando um anticlímax e um duro regresso ao real. Aqui, a foice da efemeridade corta cerce a memória, perante a impotência do sujeito poético. O aforismo final, apartado por uma linha em branco do resto do texto, constitui um desabafo: “Afinal o tempo, meu amor, é tão-somente erva daninha” (Maltezinho, 2018: 16).

Reservei para concluir, o poema “Outono em Visita”, um dos mais conseguidos do ponto de vista literário. Trata-se de uma composição musicalmente encantatória, de ritmo lânguido e versos longos, que recria a atmosfera do outono. As duas estrofes de abertura convidam a uma contemplação aprazível:

Nestes dias de morte silenciosa no início,
 prenúncio da vida que passa agora
 aureolando o frio arisco a insinuar-se pelas frinchas,
 que bom subir a gola do casaco de lã
 e aquecer os joelhos
 ao sol aprazível que entra pela varanda.

Que bom ficar nela quieta e calada
 a entregar os olhos à copa ruiva das árvores
 que se despem sobre o rio que daqui vejo,
 largar o pensamento à lengalenga do vento
 que despenteia a roupa nas cordas
 e bem mais alto que os estorninhos
 seguir a rota imaginária de qualquer avião
 (Maltezinho, 2018: 12)

Na globalidade, o vocabulário empregue contribui para, nas palavras do poeta norte-americano Edgar Allan Poe, extraídas do ensaio *A Filosofia da Composição* (1846), criar uma “unidade de efeito” (Poe, 2003: 433). Trata-se de uma estratégia lírica ou narrativa para,

apontando todas as palavras e figuras de estilo na mesma direção, gerar uma atmosfera *única* na mente do leitor (Poe, 2003: 433).

Neste caso, transmite-se a *melancolia*, o envelhecimento ou mesmo o inelutável fim. Atente-se em expressões como “dias de morte silenciosa”, “vida que passa” ou “copa ruiva das árvores”, que evocam imagens sazonais. Tal suscita no sujeito poético uma reação introspectiva perante o espaço paisagístico, como sugere a bela imagem “largar o pensamento à lengalenga do vento”.

Em suma, *Outono em Visita*, de Josefa de Maltezinho, constitui um conjunto de poemas evocativos das memórias de um tempo fugaz. Certas ocasiões, como o entardecer do dia ou os tons auricolores do outono, propiciam uma atmosfera contemplativa, convidam a memória a visitar o sujeito poético, e suscitam uma reflexão sobre o fluir dos anos. Como se lê num dos poemas, são “coisas passadas”, “por entre a nossa repartida solidão” (Maltezinho, 2018: 14). Que agora essa *partilha* se faça, página e página, na sensibilidade e na mente do leitor.

Bibliografia

Keats, John. *Selected Poems*. Ed. John Barnard. London: Penguin, 1988.

Maltezinho, Josefa. *Outono em Visita/Otonõ de Visita*. Trad. Xavier Frias-Conde. Toledo: Ianua Editora, 2018.

Cecília Meireles. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

Poe, Edgar Allan. “The Philosophy of Composition”. *Classic Writings on Poetry*. Ed. William Harmon. New York: Columbia University Press, 2003. 431-440.